

Cinema no cotidiano em Fortaleza na década de 1920

JULIANA BASILIO BATISTA*

Resumo

Entre o final do século XIX e o início do século XX, muitos fortalezenses buscavam praças, clubes, cafés, o Passeio Público e outros ambientes para conversas, discussões acerca do cotidiano e formas de lazer em geral. Esses espaços funcionavam como pontos de encontro de intelectuais, campo gravitacional onde se sentiam as forças de atração que os debates sobre os temas do cotidiano exerciam sobre os cidadãos. O cinema também acabou por se constituir num desses locais de divertimento e convívio. Mas, nem sempre o cinema foi visto apenas com essa função. Analisar o cinema como espaço de sociabilidade é importante para entender como e em que momento imbricou-se, em Fortaleza, essa ideia de novas formas de praticar os lugares, de experienciar os espaços. A presente pesquisa visa entender como o cinema relacionou-se com a construção de novos hábitos e costumes, apontando para uma perspectiva do cinema como um espaço de sociabilidade e símbolo de modernidade. Para tanto, o trato com periódicos, memorialistas e/ou cronistas que trazem as visões dos sujeitos do citado período se tornam fontes para o historiador, na medida em que levantamos questões a partir desses documentos, mas, obviamente, sem tomá-los como uma verdade pronta. O trabalho em questão encontra-se em seu momento inicial, portanto vamos lançar algumas conclusões provisórias.

Palavras-chave: Cidade, Cinema, Espaços de Sociabilidades, Modernidade.

Introdução

Em 19 de setembro de 1897, de acordo com Ary Bezerra Leite em *A Tela Prateada*, ocorre o primeiro encontro da população fortalezense com as imagens da recém-descoberta cinematografia. Imagens vistas através do kinetoscópio de Projeção de Thomas A. Edison¹,

* Graduanda em História pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-HISTÓRIA/MEC-SESU). E-mail: julianabasilio@alu.ufc.br. O presente trabalho é orientado por Jailson Pereira da Silva, doutor em História; Professor da Graduação do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: jailsonpereirasilva@uol.com.br.

aparelho que possibilitou a projeção dessas imagens em movimento, tendo os mesmos princípios, apesar das diferenças² desse com outros aparelhos de projeção fílmica, do cinematógrafo dos precursores do cinema, os irmãos Lumière.

E quando um dos inventores, como coloca Bernardet, fora interpelado por um homem que trabalhava com teatro, sobre a possível compra do aparelho, aquele não acreditou que o cinematógrafo pudesse ser utilizado como forma de entretenimento, mas apenas para pesquisas científicas. O que nos leva a pensar no engano desses sujeitos e no modo como o cinema foi conquistando, durante suas mudanças ao passar do tempo, cada vez mais espaço e pessoas interessadas nas suas imagens, estórias, atores, diretores, ou seja, no sucesso que o mesmo atingiu atualmente em diversas partes do mundo ao longo da História.

Um quadro histórico aonde já vinha se ensejando na cidade de Fortaleza, desde o final do século XIX para o início do XX, um sentimento de modernidade que, também transparecia com a chegada do cinema, esse um novo lugar para o encontro dos fortalezenses e que trouxe à tona novos costumes e formas de experienciar os espaços; dos cinematógrafos e das próprias estruturas físicas cinematográficas, sempre pensando em parecer mais modernos do que os seus predecessores. Um dos motivos que fez com que os sujeitos que se dedicaram a essa que seria a sétima arte, em Fortaleza, buscassem, por exemplo, obter as melhores películas ou as salas mais luxuosas e confortáveis. Lembrando que quando nos referimos aos fortalezenses, não estamos querendo generalizar, pois como bem coloca Márcio da Silva, as salas dos cinemas em Fortaleza eram, também, espaços de diferenciação social, ou seja, alguns eram

¹ Thomas Alva Edison era um inventor americano a quem pertencia à companhia de eletricidade dos Estados Unidos da América, Western Electric Company com a qual a Empresa Telefônica do Ceará, inaugurada pelo cearense Arnulpho Pamplona em 10 de setembro de 1891, fez acordos comerciais para introduzir os inventos de Edison na capital cearense. Para obter mais informações sobre esses acordos consultar LEITE, Ary Bezerra. A tela prateada: cinema em Fortaleza – 1897-1959: do cinematógrafo aos anos 50. Fortaleza, CE: SECULT/CE, 2011, mais especificamente na página 19 e 20.

² Foi Através da Empresa telefônica do Ceará, que os equipamentos de Edison chegaram a Fortaleza. No entanto, cada aparelho, assim como em relação ao cinematógrafo dos irmãos Lumiere, guardam diferenças entre si, como por exemplo, o Kinetoscope ou Kinetoscópio de visor que possuía uma lente ocular por onde se tinha uma visão individual da fita cinematográfica, enquanto que o Kinetoscope de projeção ou Projetoscópio era um aperfeiçoamento do Vitascope, que podia projetar imagens animadas em uma grande tela branca. Para um maior entendimento sobre o funcionamento e a utilização desses equipamentos para fotografias em movimentos em Fortaleza, consultar LEITE, Ary Bezerra. A tela prateada: cinema em Fortaleza – 1897-1959: do cinematógrafo aos anos 50. Fortaleza, CE: SECULT/CE, 2011, mais especificamente na página 19 e 20.

reservados só para a elite, além do fato de que ir ao cinema nesse período foi se tornando cada vez mais caro. Mas esse é um assunto para futuras discussões.

O presente artigo, portanto, visa discutir sobre a construção histórica do cinema na cidade de Fortaleza e sua relação com a ideia de modernidade nos anos de 1920. Entender o que era o cinema na Fortaleza desse período, mais especificamente, dentro de uma perspectiva de pensá-lo como um espaço de sociabilidade, procurando perceber como o cinema interferiu na construção de novos hábitos e costumes desses fortalezenses. O foco temporal é a década de 1920, que a nosso ver, sintetiza um pouco do que foi esse novo espaço trazido pelos ares da modernidade e da modernização. Ou seja, se traduz numa questão nacional; várias cidades viveram esse sentimento e passaram por esse processo de modernidade. Mas um mapeamento e certa discussão desse cinema no início do século XX nos ajudam a construir esses novos hábitos socioculturais, na perspectiva de um espaço de sociabilidade e sua interação com a modernidade. Atentamos, também, para o Cine Moderno³, que carrega em seu próprio nome, talvez para enfatizar, o desejo de fazer-se moderno, por isso o intuito de também estudá-lo nessa pesquisa.

Espaços de sociabilidade

Quando pensamos numa cidade moderna, há diversos locais onde as pessoas se encontram, por exemplo, para conversar, tomar um café ou discutir sobre algum assunto em voga no momento. Esses locais são espaços de sociabilidade como barzinhos, teatros, praças e tantos outros. No final do século XIX para o início do século XX, bem como também na década de 1920, período onde o cinema ganhou cada vez mais espaços frente a outros como o Passeio Público, podemos identificar esses espaços onde o povo fortalezense buscavam as praças, como a Praça do Ferreira⁴, que funcionava como ponto de encontro de intelectuais nos

³ O cine Moderno inaugurado em 07.09. 1921 era um Cineteatro da Empresa Luiz Severiano Ribeiro, esse um dos maiores nomes do cinema nesse período e que, também nos anos vinte, do século dezenove, monopolizou, segundo Márcio da Silva, a distribuição de filmes no Ceará. O Cine Moderno localizava-se na Praça do Ferreira, Rua Major Facundo número 594.

⁴ Na Praça do Ferreira, até a década de 1920 aproximadamente, segundo o cronista Otacílio de Azevedo, foram erguidos cinco quiosques, nesses ficavam os cafés que se localizavam nos quatro cantos dessa praça: Café Java, Café do Comércio, Café Elegante e Café Iracema.

seus cafés; o Passeio Público, as igrejas, e os clubes⁵ para suas conversas, exibir suas roupas, seu status e se sociabilizarem.

O cronista Otacílio de Azevedo nos mostra o Passeio Público como o lugar de “desfile” da elite local, da exibição da banda militar e dos encontros de diversas classes, embora, como nos alerta Márcio Inácio nós tenhamos que atentar para o fato de que ele propõe uma divisão muito harmônica e hermética que deve ser discutida:

“O Passeio Público era uma ampla praça dividida em três partes iguais. A primeira era a Caio Prado, onde fervilhava a fina sociedade local; a parte do meio era chamada Carapinima, destinada ao pessoal da classe média e onde a banda da polícia militar executava operetas e valsas vienenses. A terceira era a Avenida Padre Mororó, frequentada pela ralé – as mulheres da vida, os rufiões e os operários pobres...” (AZEVEDO, 1992: 50)

Os cafés dos bairros de fortaleza, também funcionaram como um desses pontos de encontro para a população, para discutir política, cantar, recitar, saborear as comidas típicas do lugar e além dessa função e antes de se pensar o campo como tradicional e a cidade como moderna e modernizante, era também uma forma de opor o campo à cidade, como fica dito nas memórias de Otacílio de Azevedo:

“Aquele suave retiro espiritual, verdadeira colméia de poetas e artistas,[...] onde, de sábado a domingo, iam centenas de pessoas de todos os bairros de Fortaleza, saborear o delicioso mungunzá, a suculenta panelada com unhas de boi, os doces, as tapiocas, o pão de milho, os refrescos, arroz doce e outros quitutes.

No Café do Pedro Eugênio recitava-se, cantava-se, falava-se de política... O café era, sobretudo, um recanto pitoresco, distante do bulício do centro da cidade e onde se podia apreciar a natureza de baixo das frondosas mangueiras, à viração constante da brisa.” (AZEVEDO, 1992: 33)

As próprias ruas podem ser pensadas como espaços de convívio da sociedade; é um bom espaço para se observar a cidade. Funciona, muitas vezes, como um emaranhado de pontos de encontro, para passeios e conversas quando do encontro com pessoas com as quais se tem certo grau de conhecimento ou convívio social. Não esquecendo que também pode ser um local negativado se pensarmos, por exemplo, nas arruaças que nelas acontecem. Até

⁵ De acordo com Márcio da Silva, os clubes de Fortaleza eram outros espaços de lazer, criados no final do século XIX, mas que ganharam relevância na década de 1920. Foram criados por grupos economicamente estabelecidos que procuravam espaços de lazer, portanto os clubes, diferentemente do Passeio Público, eram espaços exclusivos para as elites. SILVA, M.I. da. Nas telas da cidade: salas de cinema e vida urbana na Fortaleza dos anos de 1920.

mesmo o ato de nomear, de início com nomes populares, demonstra a aproximação da população fortalezense com esses logradouros e:

“A rua corresponde a um equipamento fundamental da cidade... o controle sobre os hábitos e costumes dos cidadãos bem como a introjeção de comportamentos moralizados e virtudes cívicas, abrangem várias modalidades de ordenamento social. Uma delas foi o planejamento urbano subordinado à primazia da linha reta. Outra... pode ser vislumbrada na toponímia urbana [...]” (SILVA FILHO, 2004:56)

“Parece significativo observar que em Fortaleza, nos meados do século XIX, mantinha-se ainda o hábito remoto, possivelmente vindo da colônia, de fazer referência a certo logradouro balizando-se em casa de algum cidadão influente ou estabelecimento comercial largamente conhecido.” (SILVA FILHO, 2004:58)

O cinema também acabou por se constituir num desses locais de “divertimento” e convívio. Mas, nem sempre o cinema foi visto apenas com essa função. Analisar o cinema como espaço de sociabilidade é importante para entender como e em que momento, imbricou-se, em Fortaleza, essa ideia de novas formas de praticar os lugares, de experimentar os espaços e por que ter momentos de lazer e trocas de ideias em locais específicos para isso ainda é para nós tão significativo afinal não fora algo natural, mas historicamente construído.

O cinema

Mas o que é cinema? Até mesmo um especialista em história do cinema, como o é Jean-Claude Bernardet, não pretende dar uma resposta definitiva. No século em que vivemos, dificilmente existe alguém que não foi ou não é atraído por ele. Filmes propagandeados em jornais, ou na televisão; o gênero fílmico que atrai alguns indivíduos e outros não; o idioma de origem do filme; a convivência entre atores, diretor, produtor etc.; a produção, distribuição e exibição do filme; a censura; o enredo e as imagens que prendem a atenção do espectador. São esses e tantos outros fatores que formam a sétima arte a que chamamos de cinema, como bem coloca Bernardet. Para o autor o que chamou a atenção do mundo na primeira exibição pública de cinema⁶ foi a novidade:

⁶ A primeira exibição pública de cinema foi em 28 de dezembro de 1895, em Paris, com o cinematógrafo, projeto científico criado pelos irmãos Lumière para estudar e produzir imagens em movimento. Um dos filmes exibidos no “Grand Café” foi a imagem de um trem chegando na estação. BERNARDET, 1996:11.

“Todas essas pessoas já tinham com certeza viajado ou visto um trem, a novidade não consistia em ver um trem em movimento. Esses espectadores todos também sabiam que não havia nenhum trem verdadeiro na tela, logo não havia por que assustar-se. A imagem na tela era em preto e branco e não fazia ruídos, portanto não podia haver dúvidas, não se tratava de um trem de verdade. Só podia ser uma ilusão. É aí que residia a novidade: na ilusão[...] Essa ilusão de verdade, que se chama impressão de realidade, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema”. (BERNARDET, 1996:12)

O cinema pode nos fornecer indícios dos costumes, da diversão e da cultura de forma mais geral dos fortalezenses desse período:

“Ir ao cinema é uma prática codificada e datada. Não apenas traduz um hábito, mas revela formas de frequência e distinção social, fruição estética, imaginações sobre a diversão e a cultura. Sua organização, ainda que tenha por base modelos estrangeiros, toma em cada local aspectos próprios que revelam amálgamas culturais e sociais” (SILVA, 2007 apud SCHVARZMAN, 2005:17)

O cinema em sua origem não começou como uma atração exclusiva, nem mesmo como a principal, pois tendo os seus filmes uma curta duração, impedia esse feito. Ele foi incluído no meio de outros espetáculos de variedades apenas como curiosidades ou peças de entreto, como nos aponta Márcio da Silva; sendo exibidos nos intervalos de apresentação de circos feiras e outras atrações. Foi uma forma de divertimento popular barato, pois não se cobrava caro por seus ingressos.

Mas com o passar do tempo, principalmente a partir de 1915, esses cinemas mudaram, foram, por exemplo, construídas salas luxuosas, houve a feitura de novos filmes dentre outras mudanças para atrair um novo público, a elite fortalezense. Nos Estados Unidos da América, nos anos de 1920, o cinema vai se consagrando como um espetáculo de entretenimento de massas e no Brasil ocorre mudanças no tamanho e no estilo das salas, devido às exigências dessas companhias norte-americanas que instalaram suas filiais aqui nesse mesmo período, de acordo com Márcio Inácio. O que se refletiu, não somente no aumento do valor dos ingressos como criou espaços para a diferenciação social comentada pelo mesmo autor.

O surgimento dos cinemas e com ele as salas fixas, mudaram o cotidiano da população de Fortaleza. A ida aos cinemas passaram a exigir determinadas vestimentas, como luxuosos vestidos para as senhoras e senhoritas e paletó e gravata para os senhores, passou-se a ter necessidade de novas regras de comportamentos e acarretaram mudanças nos horários dessas

peessoas que estendiam suas noites a procura desse novo local que não se prenda apenas ao lazer.

O sentimento de modernidade na cidade de Fortaleza dos anos de 1920

O cinema nos dá indício para refletirmos sobre a modernidade que atuou em Fortaleza, mais especificamente nos anos de 1920. Ele poderia ser considerado um dos símbolos da modernidade? O debate sobre o que é ser antigo e moderno ou tradicional e moderno são conceitos bastante presente em nossa sociedade atual, afinal cada uma se coloca como sendo moderna em relação às outras. No entanto, apesar de ocorrer esse embate entre antigo e moderno, existem pontos de encontro entre eles:

“Os conflitos entre antigo e moderno são frequentes. Não há como negar. Os encontros entre eles também estão presentes. É muito escorregadio fechar as interpretações [...].O antigo e o moderno podem se completar e confundir os que elegem certezas permanentes.”(BARROS, REZENDE E SILVA, 2012:10)

O cinema é sim um dos objetos que evidencia um sentimento de modernidade vivido em fortaleza, como construção física de um novo espaço e do que ele possibilita como tradução de novas experiências e subjetividades.

A modernidade além de traduzir-se em um sentimento do ser moderno:

“[...] designa uma grande quantidade de mudanças tecnológicas e sociais... a modernidade também tem que ser entendida como um registro da experiência subjetiva fundamentalmente distinto, caracterizado pelos choques físicos e perceptivos do ambiente urbano moderno”. (CHARNEY e SCHWARTZ, 2004: 95)

E esse símbolo de modernidade pode ser traduzido, além da construção de prédios cinematográficos ditos cada vez mais “avançados” e tecnológicos (como, por exemplo, possuir as melhores películas) comparados a um anteriormente construído, também pode ser definido a partir do requinte e da elegância:

“Era natural que a Empresa Luiz Severiano Ribeiro iniciasse a semana fazendo projectar, no Moderno, hoje, um optimo film.

A escolhida assistência desse concorrido salão elegante de Fortaleza, que, de commum, o procura aos domingos, faz jús ás melhores pelliculas existentes no depósito da referida empresa, que, nesse particular, justiça se lhe faça, não poupa esforços para bem servir a sua freguesia”⁷ (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1930: 04)

⁷ Mantive a grafia original dos periódicos. Jornal Gazeta de Notícias, 6 de abril de 1930, p. 4.

Conclusão

Dialogar assim com determinada época de Fortaleza para delimitar os contornos do objeto em questão – as práticas de sociabilidade observadas e experienciadas nos cinemas - problematizando os costumes e os novos hábitos sociais e culturais que adentraram essa cidade. Portanto, pretendemos pensá-lo dentro de uma discussão sobre esse espaço de sociabilidade como um símbolo da modernidade na Fortaleza dos anos 1920. Os cinemas como mencionamos anteriormente, possibilitaram a inserção de novos comportamentos como foi o caso da permanência das pessoas por mais tempo fora de casa. Um bom exemplo disso são as sessões noturnas que ocorreram como no caso do Cine Moderno⁸: “Moderno, quarta-feira: Para a <<sessão da moda>> desse elegante salão foi escolhido um film dos mais atraentes, O PASSADO DE UM HOMEM é o seu título⁹.”

A ideia é partir de documentos, ou seja, dos vestígios de uma temporalidade, os anos 1920, para entender a construção do cinema em Fortaleza e sua relação com a modernidade dentro da perspectiva de pensá-lo com um novo espaço de sociabilidade. Utilizando-se dos registros, ou seja, mapeando os vestígios de uma temporalidade, a Fortaleza dos anos 1920, para construir uma delimitação do cinema e sua relação com a modernidade dentro da perspectiva de um espaço de sociabilidade. O presente artigo tem como outro intuito apresentar os contornos da pesquisa que estamos desenvolvendo em relação à temática exposta no decorrer deste texto. Portanto, além dessa discussão inicial para apresentar a referida pesquisa, há, ainda outras questões que pretendemos investigar, além das que por ventura as fontes nos levarem a ter contato.

Nesse sentido, dentro de uma discussão histórica, portanto, localizada no tempo e no espaço primeiro, podemos nos ater ao conceito de cinema: o que é cinema e o que era cinema na Fortaleza dos anos 1920? Nem sempre o cinema foi como o vemos hoje:

⁸ A “Soirée da Moda” era a sessão noturna do Cine Moderno, sendo a sala mais moderna de exibição cinematográfica de Fortaleza.

⁹ Jornal Gazeta de Notícias, 6 de abril de 1930 p. 4.

“Tudo isto constitui um complexo ritual a que chamamos de cinema e que envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para esse tipo de espetáculo, a publicidade, pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidoras que encaminham os filmes para os donos das salas e, finalmente, estes, os exibidores que os projetam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela. Envolve também a censura, processos de adaptação do filme aos espectadores que não falam a língua original [...] Mas em geral [...] para nós, cinema é apenas essa história que vimos na tela, de que gostamos ou não, cujas brigas ou lances amorosos nos emocionam ou não.

Para nós cinema é isso. Mas perguntamo-nos: que máquina é essa que nos levou a gostar ou não de determinada estória? Cinema sempre foi assim?”(BERNARDET,1996:9)

Um segundo ponto seria pensar os usos desse cinema dentro do espaço da cidade nesse período: qual o contexto de Fortaleza nesse período; qual a significação cultural de cidade; o que é espaço de sociabilidade; quais eram os espaços de sociabilidade; quais eram esses cinemas; onde foram construídos; por que foram construídos em determinado local ao invés de outro; por quem, quando e como esses cinemas eram frequentados; qual a estrutura e tipos de filmes exibidos; o que mudou com a chegada do cinema em relação principalmente aos hábitos ou costumes no que se refere ao âmbito sociocultural? Ou seja, em que termos o cinema era percebido como espaço de sociabilidade e como ele trouxe transformações para a cidade?

Entender essa questão do cinema como um elemento moderno para a cidade é confirmar que antes dele existia algo definido como tradicional. Quando as salas de cinema vão sendo instaladas, podemos observar um embate entre esse moderno e o tradicional, na medida em que se percebe uma ânsia de construir cinemas cada vez mais luxuosos, confortáveis e tecnológicos. E muitas vezes, esse tradicional é colocado como tendo o mesmo sentido de ultrapassado ou ainda antigo, posto que fosse, e ainda é, utilizado como se referindo às características negativas do ser tradicional. Esse será o terceiro ponto a qual nos leva a presente pesquisa: O que é modernidade e modernização; o cinema pode ser identificado como um símbolo de modernidade; o que era ou o que se entendia por moderno nesse período? Ou seja, como o cinema interagiu com a modernização em Fortaleza? Atentando, como aludimos anteriormente, que as coisas não são tão simples e bem demarcadas, pois o moderno e o tradicional também se complementam.

O historiador não mais enxerga o documento ou a fonte histórica como um dado natural. Não se trata de pegar, por exemplo, um artigo de um jornal e tomá-lo como verdade absoluta do que aconteceu em determinado período. É preciso que o historiador aguçe sua sensibilidade e interprete criticamente o que se encontra nas entrelinhas desses vestígios do passado e perceber para quais outras pistas ou questões esses documentos nos apontam.

Com o intuito de responder às questões levantadas nessa proposta de pesquisa, inicialmente pretendemos nos debruçar em periódicos, memorialistas e cronistas que, em conjunto com a bibliografia, poderemos traçar umas das tantas interpretações que existem sobre essa temática. Referimo-nos a tantas porque cada historiador faz o seu recorte e a sua própria interpretação das fontes com que trabalha, mesmo sendo a mesma fonte de outrem. Os periódicos, com uma análise não somente voltada para as propagandas ou artigos que tratam diretamente sobre cinema, mas também para percebermos que o cotidiano de Fortaleza nos anos 1920 tem suas especificidades. Pois, nesses periódicos temos os pontos de vista de quem os escreveu a partir das referências e demandas de seu tempo.

Os memorialistas nos trazem as suas memórias sobre Fortaleza nesse período e, portanto também sua própria visão. A memória é seletiva, estando sempre num confronto entre o “lembrar” e o “esquecer”. Além disso, ela também é reinventada ao longo do tempo, ou seja, a forma como nos lembramos de algum episódio da nossa vida não é a mesma, por exemplo, aos quinze anos de idade e aos trinta. Há discussões, por parte de autores como Proust, de que a memória não deve ser confundida com a História, mas ser passível de sua crítica e interpretação, ou seja, ela é um objeto da História. E não se trata de saber se são mentiras ou verdades, mas o porquê ou como esses memorialistas percebiam o momento ao qual estavam inseridos. Nesse sentido, esses memorialistas nos dão a sua visão sobre essa Fortaleza, na qual caberá aos historiadores fazer a História com seus métodos próprios, não identificando memória com História.

Quanto aos cronistas creio que este trecho é bem esclarecedor:

“Como cronista, ele não se esquivava de registrar o cotidiano em seu entorno. No entanto, não deixa de fazê-lo sem omitir suas próprias opiniões e insinuar seus traços de homem educado dentro de um outro quadro de relações sociais, pois as crônicas

além de trazerem em suas páginas os temas mais frequentemente discutidos em uma época e espaço, funcionam também como um instrumento de intervenção social. A crônica tem como objetivo informar ou, muitas vezes, mobilizar e formar a opinião pública a respeito de determinado assunto. Escrita em sintonia com o cotidiano, ela é receptiva, informativa e de reação”. (BARROS, REZENDE E SILVA, 2012: 54 e 55)¹⁰

Fontes:

Periódicos:

Jornal Gazeta de Notícias, 6 de Abril de 1930, p. 4.

Memorialistas:

AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça: reminiscências**. 2. ed. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar/Programa Editorial, 1992.

Bibliografia:

BERNARDET, Jean-Claude. **O que e cinema**. Sao Paulo: Brasiliense, 1980.

BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jailson Pereira da (Orgs.). **Os anos 1920: histórias de um tempo**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2012.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (org.) **O cinema e a invenção da vida moderna**. 2.ed.rev. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LEITE, Ary Bezerra. **A tela prateada: cinema em Fortaleza – 1897-1959: do cinematógrafo aos anos 50**. Fortaleza, CE: SECULT/CE, 2011.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. **Fortaleza: imagens da cidade**. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

¹⁰ O referido cronista é Mario Sette, que viveu e escreveu no Recife durante a primeira metade do século XIX.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SILVA, M.I. da. **Nas telas da cidade:** salas de cinema e vida urbana na Fortaleza dos anos de 1920. 2007. 166f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2007.